

A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Mariane de Carvalho Godoi Lopes
Especialista, Seminário Batista do Sul, Rio de Janeiro - RJ



RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar brevemente algumas características da espiritualidade como dimensão da existência cristã, através de uma articulação antropológico-teológica integrada entre a fé e o cotidiano.

Palavras-chave: Espiritualidade; Fé Cristã; Espírito Santo.

ABSTRACT

This article aims to briefly elucidate some characteristics of spirituality as a Christian existence's dimension, through an integrated anthropological-theological articulation between faith and everyday life.

Keywords: Spirituality; Christian Faith; Holy Spirit.



1. O Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento (APA, 2013). Crianças com TEA podem apresentar um atraso qualitativo na linguagem (SERRA, 2020) e, por conseguinte, são afetadas em seu progresso acadêmico, e de forma significativa e funcional em sua vida cotidiana. Apesar dos desafios, a alfabetização impulsiona diversos avanços qualitativos em seu desenvolvimento neurológico, gerando uma via de comunicação alternativa, sobretudo em situações onde esses indivíduos jovens e crianças não são verbais (SERRA, 2020).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que tem como critérios diagnósticos: déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida)(APA, 2013).

O Código Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS), em sua décima primeira edição (CID-11), destaca que os déficits apresentados pelo indivíduo com TEA são suficientemente severos para prejudicar o funcionamento pessoal, outras áreas importantes da vida do indivíduo. Os sintomas são geralmente observáveis em todos os ambientes em que o indivíduo se encontra, podendo variar conforme o contexto social ou educacional. Pessoas com TEA apresentam uma ampla variação de funcionamento intelectual e habilidades de linguagem (OMS online).

A nomenclatura TEA passou a ser considerada oficial em 2013, e abrange diferentes transtornos que anteriormente eram classificados de forma isolada. Houve uma fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista:



Os sintomas desses transtornos representam um continuum único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados (APA, 2013).

Atualmente, fazem parte do espectro: autismo infantil, transtorno desintegrativo da infância, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e síndrome de Asperger, em diferentes níveis de gravidade e devem ser especificados quanto às suas comorbidades e/ou presença de comprometimento intelectual (Kuperstein et al, 2018).

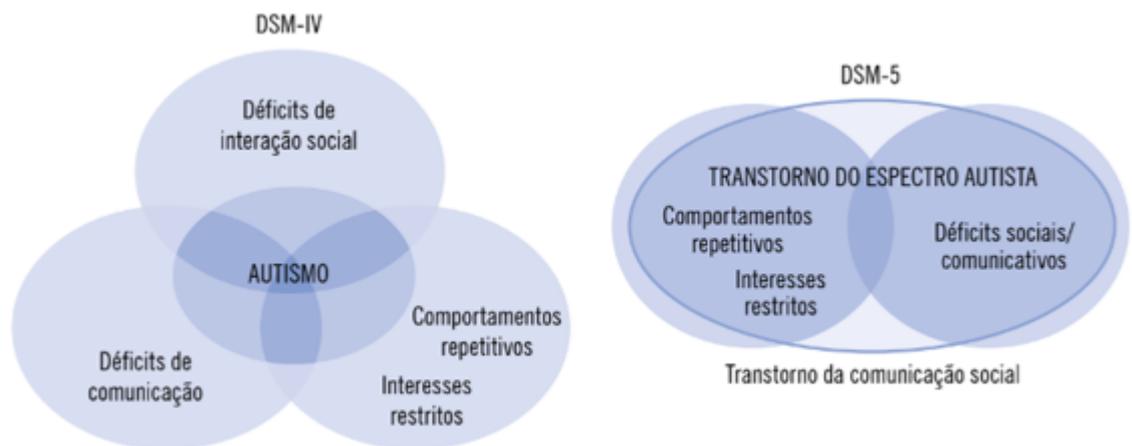


Figura 1 - Comparação entre critérios diagnósticos do DSM-4 e do DSM-5 para transtorno do espectro autista (Kuperstein et al, 2018).

A definição de autismo passou por diversas mudanças ao longo do tempo, mas sua origem permanece inconclusiva. Apesar de existirem diversas teorias bem fundamentadas, ainda não há um marcador biológico que esteja presente em todos os casos de TEA. O que se sabe é que o autismo é um transtorno crônico e



multifatorial, com fatores de risco que podem ocorrer antes, durante e após o nascimento. Pesquisas apontam que o aumento da prevalência está associado diretamente a questões genéticas, epigenéticas e não genéticas (Kuperstein et al, 2018).

A diferença e gravidade dos sintomas é classificada em três níveis, baseando-se nos prejuízos à comunicação social e nos comportamentos restritos e repetitivos. O nível 3 abrange casos com dificuldades mais severas na vida funcional, requerendo intervenção mais intensiva; no nível 2, encontram-se pessoas que também necessitam de intervenção intensiva, mas possuem um repertório funcional moderado, em relação ao nível anterior; e o nível 1, inclui crianças com alta funcionalidade que necessitam de pouca intervenção (APA, 2013).

As crianças diagnosticadas com o transtorno geralmente apresentam lacunas na interação com seus familiares e colegas. Elas frequentemente não demonstram interesse por atividades ou jogos que não estejam alinhados com seus próprios interesses. Também enfrentam desafios para se relacionar socialmente de maneira apropriada, tendo dificuldade em iniciar ou participar de interações sociais. Mostram pouco interesse no que os outros estão expressando ou sentindo. Além disso, têm dificuldade em integrar a comunicação verbal e não verbal, como o contato visual e a linguagem corporal, e em compreender as pistas não verbais dos outros, como expressões faciais, gestos e sinais. Adaptação a diferentes contextos sociais, como compartilhar brinquedos, mudar de atividades ou participar de jogos imaginativos, como brincar de faz de conta, também pode ser desafiador para elas (GAIATO, 2018).

Outra característica comum do TEA é a presença de interesses restritos e intensos, fixação de rotinas, afeição atípica a objetos e rituais comportamentais, onde a criança pode se focar obsessivamente em um tema ou atividade específica, muitas vezes exibindo um nível de conhecimento detalhado sobre esse interesse que é incomum para sua faixa etária (ROTTA et al, 2018).



2. O TEA e o Transtorno do Processamento Sensorial

Além das características supracitadas, indivíduos com TEA podem apresentar uma sensibilidade sensorial incomum, respondendo de maneira exagerada ou reduzida a estímulos sensoriais como luz, som, textura ou gosto. Grandin afirma que “cerca de nove em cada dez pessoas com autismo apresentam um ou mais transtornos sensoriais”. Essas respostas atípicas podem impactar significativamente a vida diária, dificultando atividades rotineiras e aumentando o estresse tanto para as crianças quanto para suas famílias (GRANDIN e PANEK, 2015).

Crianças com TEA podem apresentar dificuldades específicas no processamento de informações auditivas e sensoriais. Estudos têm indicado uma alta frequência de comportamentos sensoriais não usuais e, mais recentemente, o transtorno do processamento sensorial foi incluído nos critérios de diagnóstico para o transtorno (MARTINS et al, 2019). É importante notar que a disfunção na integração sensorial pode ocorrer não apenas em casos de autismo, mas também em outros distúrbios psicológicos e/ou condições médicas.

O transtorno do processamento sensorial é caracterizado pela presença de dificuldades em perceber, regular, interpretar ou responder a estímulos sensoriais. Isso pode levar a dificuldades em habilidades sociais, equilíbrio postural, coordenação motora, consciência do próprio corpo e imagem corporal, manipulação de objetos, desempenho nas atividades diárias e uma abordagem imatura ao brincar. Além disso, pode estar associado a problemas de adaptação e desempenho escolar, assim como dificuldades de atenção e risco para o processo de aprendizagem de forma geral (MARTINS et al, 2019), entre eles, destaca-se para esta pesquisa, a capacidade de aprendizado da linguagem e habilidades correlacionadas.



É importante ratificar que o espectro autista é bastante amplo e diversificado, significando que a manifestação dos sintomas e a gravidade podem variar significativamente de uma pessoa para outra. Enquanto algumas crianças podem apresentar comprometimentos severos que requerem suporte constante, outras podem ter habilidades funcionais mais altas e necessitar de menos intervenções. Esta compreensão é crucial para a elaboração de abordagens educativas e terapêuticas, visando maximizar o potencial de cada criança com TEA e promover sua inclusão efetiva em diversos contextos sociais e educacionais.

Vygotsky sugere que na ação educacional dentro do ambiente escolar, o professor utilize suas mediações para identificar as vias de acesso para a construção de conhecimentos e valores. Ele afirma que “a educação para essas crianças deveria se basear na organização especial de suas funções e em suas características mais positivas, ao invés de se basearem em seus aspectos mais deficitários” (VIGOTSKY, 1987, p. 28). Sob esta perspectiva, é crucial considerar abordagens que possam reduzir os desafios enfrentados pelas crianças com TEA. Portanto, ao buscar ferramentas para apoiar o desenvolvimento das mesmas, é essencial integrar estratégias que abordem essas questões. À vista disso, a música pode apresentar-se como um recurso para a educação de crianças com TEA, conforme veremos no seguinte tópico.

3. A Música Como Recurso Para O Desenvolvimento Da Criança Com Tea

A música é uma ferramenta valiosa que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da criança. Ela proporciona uma experiência organizada, com uma estrutura temporal definida (começo, meio e fim), que permite ao indivíduo ajustar seu comportamento de acordo com suas habilidades físicas e psicológicas. Além disso, a música pode evocar respostas emocionais e estimular pensamentos e associações que vão além da própria música (MAGALHÃES, 2018).



Costa aborda a música como uma forma de linguagem, destacando sua composição de códigos que demandam interpretação por meio de uma relação estabelecida. A autora enfatiza que por trás das notas musicais há um "certo significado", elevando a música além de ser apenas um material sonoro ou musical (COSTA, 1989). A música desempenha um papel crucial no ambiente, influenciando o desenvolvimento de diversas habilidades motoras, auditivas, linguísticas, cognitivas, visuais e outras (MAGALHÃES, 2018).

A música se mostra como um recurso significativo no processo de conexão da criança com o mundo. O envolvimento com a música tem o potencial de promover alterações nas estruturas e funções cerebrais, influenciando a plasticidade cerebral. Vigotski afirma que “o aperfeiçoamento de uma função ou de uma atividade específica do intelecto influi sobre o desenvolvimento das outras funções e atividades” (2010, p.108). Assim, o estímulo musical apresenta grande valor ao contribuir para o desenvolvimento de diferentes habilidades e competências na criança. Isso é possível graças à capacidade do cérebro de se adaptar a novas experiências.

Ainda, desde 2008 a música passa a integrar o currículo da educação básica, por meio da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008 (Brasil, 2008), como conteúdo obrigatório. Pendenza e Souza (2015) argumentando a respeito da implementação desta lei, observam o surgimento e necessidade de “uma profunda e corrente alteração no ambiente escolar”. Segundo as pesquisadoras, através do trabalho com a música e seus elementos, a inserção de crianças com TEA em sala de aula pode ser facilitada, bem como pode contribuir para uma verdadeira inclusão.

Ao incorporar a música nas práticas educativas, os educadores não apenas proporcionam aos alunos o acesso à arte e à cultura, mas também incentivam a expressão pessoal, a interação social, o aprimoramento das habilidades motoras, a



expansão do vocabulário e uma maior facilidade de aprendizado (LOMBARDI, 2023).

Esta importante ferramenta promove interação, cooperação e colaboração entre os alunos. Por meio da música, as crianças podem compartilhar suas experiências, expressar sentimentos e criar um ambiente de compreensão mútua, fomentando a empatia entre elas. A música pode ser um poderoso estímulo sensorial, despertando respostas emocionais e físicas em crianças com TEA, auxiliando na regulação das respostas sensoriais e proporcionando uma sensação de bem-estar e alívio (LOMBARDI, 2023).

A música oferece uma diferente pista auditiva, fornecida pelos elementos musicais (ritmo, melodia, contraponto e harmonia), que ajuda a criança a construir estruturas sonoro-verbais, experimentando sonoridades e gradualmente transformando-as em elementos verbais funcionais (ZIMMER e MAGALHÃES, 2018).

A música tem sido apontada como uma ferramenta efetiva na educação de alunos com TEA, graças à sua capacidade de ativar múltiplas regiões cerebrais e facilitar a aprendizagem em diversas áreas, como linguagem e comunicação. Grandin afirma que em cérebros saudáveis, as áreas associadas à linguagem e à música são amplamente sobrepostas. No entanto, os pesquisadores notaram há muito tempo que mesmo pacientes autistas não verbais demonstram uma forte resposta à música (GRANDIN e PANEK, 2015).

Magalhães (2018) aponta em seu trabalho sobre aprendizagem das habilidades musicais da criança com TEA que, entre as crianças com o transtorno, observa-se uma forte conexão com o estímulo musical. Algumas crianças aprendem a tocar instrumentos rapidamente, memorizam melodias e repertórios com facilidade, e encontram na música sua forma mais eficaz de expressão, construindo importantes pontes de comunicação. A autora afirma que muitas



crianças com TEA começam a se envolver com a linguagem através da música, reproduzindo melodias – às vezes com elementos verbais – antes de se comunicarem verbalmente. A música, portanto, é um recurso significativo, capaz de acessar áreas subcorticais essenciais para o neurodesenvolvimento.

Altenmüller e Gruhn caracterizam o desempenho musical como uma tarefa humana que provoca grande mobilização do sistema nervoso central: o desempenho musical engloba habilidades motoras e aurais, que não seriam representadas de modo isolado no cérebro considerando todas as estruturas envolvidas. Nessas habilidades, pressupõe-se a existência da capacidade de adaptações quando houver mudanças no estímulo ou diferentes possibilidades de resposta, o que caracteriza a plasticidade cerebral. O aprendizado musical, da mesma forma que a produção e a percepção musical, envolve um processo neurobiológico complexo (MAGALHÃES, 2018, p. 272).

A música contribui para melhorar a concentração e atenção, promovendo o avanço cognitivo das crianças. Por meio da música, as crianças com TEA, podem estabelecer uma conexão comunicativa significativa e rica, permitindo a elas articular de maneira notável consigo mesmas, com os outros e com o mundo ao seu redor. Grandin e Panek destacam um estudo de 2005 que examinou dados de 40 indivíduos autistas, com idades entre 2 e 49 anos, que participaram de sessões de musicoterapia por dois anos. Todos os participantes demonstraram melhorias na linguagem e na comunicação, bem como nas habilidades comportamentais, psicossociais, cognitivas, musicais e perceptivo-motoras. Além disso, pais e cuidadores desses indivíduos relataram que essas melhorias se estendiam para outras áreas da vida, além da música (GRANDIN e PANEK, 2015).

Zimmer e Magalhães (2018) destacam a efetividade da música para a “aquisição fonológica, o desenvolvimento e abrangência da linguagem oral e escrita, o aprimoramento do processamento auditivo, entre outras”. Ainda no



estudo, elas afirmam que tanto a música quanto a língua seguem padrões sonoros e gramaticais hierárquicos, o que permite que a música auxilie na compreensão da língua e vice-versa.

Portanto, considerando que crianças com TEA podem enfrentar dificuldades no processamento sensorial, a utilização de abordagens multissensoriais pode ser extremamente vantajosa. Nesta pesquisa, destaca-se a capacidade da música de impulsionar o desenvolvimento da comunicação e linguagem da criança. Ainda, a música, com seu apelo universal e capacidade de engajar diversas áreas do cérebro, torna-se um instrumento poderoso de mediação entre a criança e o processo de aprendizagem. A música não só facilita a expressão e a interação, mas também colabora para um ambiente inclusivo e estimulante, essencial para o desenvolvimento integral das crianças.

Franzoi et al (2016) relatam evidências de que a prática de atividades musicais com crianças com TEA contribui para aprimorar tanto a comunicação verbal quanto não verbal, quebrar padrões de isolamento, diminuir comportamentos estereotipados, promover a expressão pessoal e a manifestação da subjetividade.

Em conclusão, a música emerge como uma ferramenta transformadora na educação de crianças com TEA, oferecendo um meio único de promover a comunicação, a interação social e o desenvolvimento cognitivo. Ao explorar as nuances da música, tais como ritmo, melodia e harmonia, os educadores podem criar ambientes que não apenas atendem às necessidades sensoriais e emocionais dessas crianças, mas também estimulam seu potencial de aprendizado e expressão. A integração da música no currículo educacional, conforme estabelecido pela Lei nº 11.769, de 2008, reforça sua importância como um recurso essencial para a inclusão e desenvolvimento das crianças com TEA. Estudos e práticas demonstram que a música pode melhorar significativamente a comunicação verbal e não verbal, fomentar a empatia e reduzir comportamentos estereotipados. Assim, ao adotar abordagens musicais na educação, promovemos



um espaço mais inclusivo e adaptado às necessidades diversas dessas crianças, potencializando seu crescimento e integração na sociedade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5a. ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

BRASIL Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, p. 1, col. 1, Brasília, DF, ano 159, p. 1-72, 19 ago. 2008. Disponível em <<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>> Acesso em 07 de agosto de 2024.

COSTA, Clarice Moura. O Despertar Para o Outro: musicoterapia. São Paulo: Summus; 1989.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. Intervenção Musical Como Estratégia De Cuidado De Enfermagem A Crianças Com Transtorno Do Espectro Do Autismo Em Um Centro De Atenção Psicossocial. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 25, n. 1, e1020015, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000100701&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de abril de 2023.

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: nVersos, 2018.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. O cérebro autista: pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Record, 2015.

KUPERSTEIN, Adriana Latosinski; NORTE, Douglas; BIAZUS, Fabiane de C.; GOMES, Tércia Mony Pereira Dias. Transtorno Do Espectro Autista Baseado Em



Evidências. In: ROTTA, N. T.; FILHO, C. A.; BRIDI, F. R. S. Plasticidade cerebral e aprendizagem, abordagem multidisciplinar. RS: Artmed, 2018.

LOMBARDI, Valquíria dos Santos Lima. Sons, melodias, sentimentos e aprendizagens: as contribuições da música para o desenvolvimento de crianças no TEA na educação infantil. Rondônia: Universidade Federal de Rondônia, 2023. Disponível em <<https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/4985>> Acesso em 30 de abril de 2024.

MAGALHÃES, Natália. Reflexões Musicoterapêuticas Acerca da Aprendizagem e das Habilidades Musicais da Criança com Transtorno do Espectro Autista. In: ROTTA, N. T.; FILHO, C. A.; BRIDI, F. R. S. Plasticidade cerebral e aprendizagem, abordagem multidisciplinar. RS: Artmed, 2018.

MARTINS, Caroline Bertolace Ferreira; BANHATO, Eliane Ferreira Carvalho; OLIVEIRA, Martha Loures Choucair de. Contribuições Das Teorias Psicológicas e Neuropsicológicas Na Compreensão do Desenvolvimento Cognitivo Em Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista: Uma Revisão Integrativa. Cadernos de Psicologia. – CESJF - jun. 2019 v.1 n.1 p.25-49. Disponível em <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1975>> Acesso em 25 de abril de 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-11 Classificação Internacional de Doenças, 2024. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/pt#437815624>>. Acesso em 07 de maio de 2024.

PENDENZA, Daniele Pincolini; SOUZA, Tânia Maria Filiú de. A educação musical como instrumento psicopedagógico no atendimento a crianças com transtorno do espectro do Autismo. DAPesquisa, v. 10, n. 13, p. 156-170, 2015.



Disponível em

<<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/5029>>. Acesso em 12 de julho de 2024.

ROTTA, N. T.; FILHO, C. A.; BRIDI, F. R. S. Plasticidade cerebral e aprendizagem, abordagem multidisciplinar. RS: Artmed, 2018.

SERRA, Dayse. Alfabetização de Alunos com TEA. In: CAMINHA, Vera Lúcia Prudência dos Santos et al. AUTISMO: Caminhos para a Inclusão. Colômbia: IberAM, 2020. p. 135 - 149. Disponível em <<https://fec.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Autismo-Caminhos-para-a-Inclus%C3%A3o.pdf#page=141>> Acesso em 26 de abril de 2024.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. 11ª ed. São Paulo: Ícone, 2010.

ZIMMER, Daniela; MAGALHÃES, Natália. A Interface Da Fonoaudiologia E Da Musicoterapia No Desenvolvimento Da Criança Com Transtorno Do Espectro Autista. In: ROTTA, N. T.; FILHO, C. A.; BRIDI, F. R. S. Plasticidade cerebral e aprendizagem, abordagem multidisciplinar. RS: Artmed, 2018.

